

RELATO DE EXPERIÊNCIA: LITERATURA, REPRESENTATIVIDADE E VISIBILIDADE DA COMUNIDADE LGBTQIAPN+ NO CONTEXTO ESCOLAR

Maria Vitória de Freitas Soares¹, Iara de Sousa Nascimento²

¹Universidade Estadual do Ceará, Feclesc/UECE, Quixadá, Ceará, Brasil,
mavi.freitas@aluno.uece.br

²Universidade Estadual do Ceará, Feclesc/UECE, Quixadá, Ceará, Brasil,
iara25.sousa@uece.br

Introdução

A literatura é uma das principais ferramentas utilizadas ao longo dos séculos como meio de retratar questões sociais e vivências de determinados grupos. Através do texto literário é possível experienciar a realidade do outro, permitindo ao leitor o que Candido (1970) chama de humanização. Entretanto, conforme afirma Dalcastagnè (2012), é válido considerar que “a literatura brasileira é um território contestado”, visto que há um embate a fim de se afirmar e reafirmar por meio desse campo, o qual se configura como homogêneo. Entende-se por homogêneo os sujeitos que o formam, considerando que são, em sua maioria, homens brancos, de classe alta, heterossexuais e sudestinos (2012), o que se contrapõe à concepção de que ao se falar de literatura, pensa-se num “campo de liberdade”, no qual se expressará qualquer voz e qualquer vivência.

Considerando que, atualmente, “os estudos literários (e o próprio fazer literário) se preocupam com os problemas ligados ao acesso à voz e à representação dos múltiplos grupos sociais” (2012), a oficina “A arte literária como meio de representação da comunidade LGBTQIAPN+: mãos que tecem um caminho para a visibilidade” surgiu com o objetivo de promover maior visibilidade a esse público por meio de tais narrativas. Compreende-se por “visibilidade” o reconhecimento de suas vivências, tendo em vista o apagamento que lhe é imposto socialmente. Desse modo, preocupando-se com o lugar de fala, priorizou-se textos produzidos por integrantes da comunidade LGBTQIAPN+, haja vista que suas experiências enquanto parte desse grupo marginalizado serão expressas na literatura através de uma perspectiva social carregada de pluralidade (2012).

Tendo em vista o caráter humanizador da literatura (Candido, 1970) e o papel da sala de aula enquanto ambiente formativo, pode-se inferir a importância de incluir nas aulas de língua portuguesa textos literários que representam grupos marginalizados, neste caso, a comunidade LGBTQIAPN+. Desse modo, a prática relatada se propôs a discutir com os estudantes acerca da representatividade *queer*¹ na literatura; compreender, por meio dessa, as vivências desse público, e refletir acerca da complexidade das relações humanas, bem como apresentar aos estudantes livros e textos literários que, além de dar voz às experiências LGBTQIAPN+, são suas próprias vozes. Portanto, este resumo expandido objetiva relatar a mencionada oficina, a fim de apresentar seus resultados e impactos na comunidade escolar.

¹ É, em suma, um termo guarda-chuva, ou seja, abarca uma série de identidades e formas de se referir a pessoas que não correspondem a cis-heteronormatividade.

Metodologia

A oficina foi aplicada na escola de ensino médio do campo Francisca Pinto dos Santos, localizada em Ocara, Ceará, na turma do 3º ano A, para cerca de quinze estudantes. A baixa quantidade de alunos se deu devido ao período de encerramento do semestre letivo e de atividades que estavam ocorrendo na escola simultaneamente à oficina. Além disso, é importante frisar que a referida instituição educacional se destaca pelo acolhimento e engajamento em causas ligadas à diversidade, o que inclui a comunidade LGBTQIAPN+.

Para o desenvolvimento da oficina foram selecionados os poemas “Aqui não falamos sobre isso”, “Tirem o viado da sala”, ambos de Aramyz (2025, 2024), “Exílio”, de Elayne Baeta (2021); o conto “Templo”, de Natália Borges (2025); um trecho do romance “A palavra que resta”, de Stênio Gardel (2021); o clipe “Flutua”, de Johnny Hooker, com participação de Liniker (2017), e a música “Balada de Gisberta”, de Maria Bethânia (2016). A seleção dos textos foi pensada de acordo com a linha de estratégia, que obtinha como foco principal promover a discussão acerca dos textos literários, causar reflexão nos estudantes e despertar emoções através da leitura dos poemas e contos, e da análise dos audiovisuais.

Após a apresentação da oficina à turma, foi realizado um diálogo com os estudantes para perceber o seu conhecimento prévio acerca da representação da comunidade LGBTQIAPN+ na literatura e as discussões existentes na escola acerca desse grupo. Para dar início às reflexões literárias, usou-se como base o questionamento “Vocês acreditam que esta oficina tem alguma relevância para a vida de vocês?”. Considerando as respostas, tendo, inclusive, uma negativa, iniciou-se a leitura do poema “Aqui não falamos sobre isso”, a fim de reiterar a importância de realizar discussões como esta, bem como a necessidade de integração de professores às lutas dessa comunidade. Desse modo, deu-se sequência à leitura e à reflexão dos demais textos literários, os quais trouxeram representação da vivência de mulheres lésbicas e homens gays. Através da exibição dos audiovisuais, discorreu-se acerca de pessoas transgêneros, de modo que foi possível distinguir os conceitos em torno de gênero e sexualidade.

Por fim, a turma foi dividida em dois grupos: um escreveu a partir da perspectiva do opressor, enquanto o outro do oprimido. O objetivo dessa atividade era perceber como os estudantes se sentiriam ao serem submetidos a esses papéis. A escolha do tema para os grupos ocorreu por meio da realização de um sorteio. No entanto, a equipe que inicialmente seria a “opressora” disse ter preferência por ser a “oprimida”, assim, foi sugerido que, se houvesse consentimento da outra equipe, trocassem os papéis, o que de fato ocorreu. Após a produção escrita das equipes, solicitou-se que os estudantes as lessem para que a turma pudesse acompanhar.



Resultados e discussão

Ao incitar à turma com a pergunta “Vocês acreditam que esta oficina tem alguma relevância para a vida de vocês?”, uma das respostas obtidas veio de forma negativa. A estudante em questão afirmou que a oficina não faria diferença alguma em sua vida, considerando que ela não faz parte da comunidade LGBTQIAPN+ nem exerce práticas odiosas contra seus integrantes. Nesse momento fez-se necessário explicar à turma que não há neutralidade e que não agir em combate à LGBTfobia é consentir e colaborar para que tal prática continue ocorrendo. Conforme defende Fairclough (2001), “a ideologia investe a linguagem de várias maneiras”. Dessa forma, compreende-se que a prática linguística, na qual se inclui a literatura, caracteriza-se como um instrumento ideológico que pode ser implementado à luta de minorias sexuais e de gênero.

Além da participação dos estudantes, destaca-se a presença da docente, a qual se posicionou em defesa da liberdade de amar quem quiser e aproveitou para questionar a diferença entre gênero e orientação sexual. Após a explicação, foi elucidada a importância de buscar entender mais sobre as experiências *queer* e que esse é o primeiro passo para se armar contra o preconceito. Ademais, a união de pessoas que não fazem parte da comunidade às suas lutas, a fim de contribuir para um maior engajamento e alcance. Mostra-se, portanto, necessário que mais profissionais da educação demonstrem interesse pelas causas da comunidade LGBTQIAPN+, conforme afirmam Gonzaga e Gallas (2019):

[...] ao censurar dentro das escolas a discussão sobre as categorias 'gênero' ou 'orientação sexual', adia o reconhecimento das identidades que divergem da heteronormatividade, reforçando o isolamento e a retirada de direitos de grupos historicamente excluídos, sobretudo, seu acesso à Educação" (Gonzaga; Gallas, 2019, p. 284-285).

Durante a leitura das produções escritas, o grupo “opressor” demonstrou desconforto ao oralizar o que havia produzido, enquanto o grupo “oprimido” demonstrou sensibilidade às vivências da comunidade LGBTQIAPN+. A partir do uso de alguns termos como “escolha do gênero” e “sentir-se triste por ser referido como parte da comunidade”, foi ressaltado que fazer parte da comunidade não é uma escolha, bem como não é algo ofensivo, sendo assim uma manifestação natural e digna de respeito. Ainda nesse momento, um estudante se mostrou emotivo ao pensar em suas experiências e relatar suas dificuldades, as quais são provenientes de estereótipos existentes acerca do que se espera da figura masculina, tornando-o alvo de preconceitos por performar, conforme construído socialmente, traços mais feminilizados. Ainda segundo Gonzaga e Gallas (2019), “a homofobia pode ser interpretada como uma afirmação de virilidade que se manifesta através da rejeição aos modos de ser vistos como impróprios para o gênero masculino”.



Conclusões

A realização da oficina “A arte literária como meio de representação da comunidade LGBTQIAPN+: mãos que tecem um caminho para a visibilidade”, conforme se objetivava inicialmente, promoveu diálogos e reflexões acerca da referida comunidade por meio do texto literário. Desse modo, compreende-se que a literatura exerce um papel significativo no que tange a representatividade de grupos invisibilizados socialmente. Destaca-se, também, a importância de desenvolver momentos como este no espaço escolar, bem como naturalizar a abordagem da literatura *queer* nas aulas de língua portuguesa.

Pensar a “democratização da literatura” na perspectiva de Dalcastagnè (2012), diz respeito, também, a, além de incluir vozes marginalizadas no campo literário, fomentar o seu consumo. Para isso, os(as) educadores(as) desempenham grande relevância, visto que esses são os mediadores entre o texto literário e os estudantes. Conclui-se, portanto, que ao implementar em suas aulas narrativas *queer*, contribui-se para a disseminação de informações acerca desse público e promove-se menos discriminação à medida que suas vivências são compreendidas.

Palavras-chave

Literatura; Comunidade LGBTQIAPN+; Representatividade.

Referências bibliográficas

ARAMYZ. **Aqui não falamos sobre isso**. 1. ed. Belém: Editora Folheando, 2025.

ARAMYZ. **Todo dia é assim**. 1. ed. - São Paulo: Editora Hecatombe, 2024.

BAETA, Elayne. **Oxe, baby**. 1. ed. - Rio de Janeiro: Galera Record, 2021.

BERNARDO, Pedro. **Gisberta, a história por trás da canção que virou símbolo**. Em Todo Lugar, São Paulo, 31 mar. 2025. Disponível em: <https://emtodolugar.facha.edu.br/2025/03/31/gisberta-a-historia-por-tras-da-cancao-que-virou-simbolo/>. Acesso em 20 de abr. 2026.

BETHÂNIA, Maria. **Balada de Gisberta (Ao vivo)**. Biscoito Fino, 2016. Disponível em: https://youtu.be/BES_fp37lNo?si=elQXRnIr3fOb8GTd. Acesso em 20 de abr. 2026.

BRASIL ESCOLA. O que é queer?. **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/o-que-e/o-que-e-sociologia/o-que-e-queer.htm>. Acesso em: 24 abr. 2026.

CANDIDO, Antônio. **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1970.

DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado**. – Vinhedo: Editora Horizonte; Rio de Janeiro: Editora da Uerj, 2012.

GARDEL, Stênio. **A palavra que resta**. 1. ed. - São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

GONZAGA, Taynan Matheus Sousa; GALLAS, Ana Kelma Cunha. **O retrocesso no combate da LGBTfobia no Brasil: o preconceito vivenciado pela população LGBT no ambiente escolar**. Filosofia e Educação, Campinas, SP, v. 11, n. 2, p. 281–289, 2019. DOI: 10.20396/rfe.v11i2.8655345. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rfe/article/view/8655345>. Acesso em: 24 abr. 2026.

HOOKER, Johnny; LINIKER. **Flutua (Clipe Oficial)**. Johnny Hooker, 2017. Disponível em: https://youtu.be/mYQd7HsvVtI?si=_wRVDGZEzt6zulGc. Acesso em 20 de abr. 2026.

POLESSO, N. B. **Amora (contos)**. 1. ed. - Porto Alegre: Não editora, 2015.

